

Entre livros, ensaios, um caminho a (des)construir

*Lorena Zomer**

Resumo

Este artigo faz parte de uma pesquisa de dissertação que aborda a história das mulheres, através dos escritos literários de Leonor Castellano, que viveu em Curitiba no século XX buscando impor um lugar na História para as intelectuais, principalmente por meio da literatura. Analisamos os papéis ideais femininos estipulados em seus escritos, assim como, com base na biografia dessa autora, “re”descobrimos atos sociais do contexto estudado.

Palavras-chave: Biografia. Literatura. História das mulheres.

Introdução

Uma perspectiva...

Ensaaios, revistas, colunas e um romance, Marysa, da curitibana Leonor Castellano (1901-1969), escritos entre as décadas de 20 a 60 no século XX em Curitiba, vem sendo o alvo desta pesquisa de dissertação. A ênfase nesse tempo e espaço se dá em busca de discursos quanto aos papéis ideais para as mulheres. Neste período, está se construindo uma Curitiba cosmopolita, com crescimento industrial, presença imigratória, áreas de lazer, estabelecimentos comerciais, literários e, principalmente, com seus bares e cafés, um centro que possibilita a organização intelectual de muitas mulheres¹.

Leonor Castellano, a primeira mulher a ocupar o cargo de chefe de seção da Procuradoria Geral do Paraná (1940), foi mencionada ligeiramente pela primeira vez numa nota de rodapé, no livro *Clotildes e Marias*², de Etelvina Trindade, em que a autora preocupase em estudar as mulheres paranaenses, entre 1899 a 1930, nos quais os papéis sociais femininos estão se construindo ou se modificando. Um tempo em que mulheres já não são só donas de casa fechadas em seus lares, pois estão presentes em festas, teatros, faculdades, confeitarias, trabalhando nas feiras livres, em floriculturas, bares, secretárias, entre outros.

O trabalho de Trindade (1996) tem por intenção elucidar a história das mulheres e a participação destas, principalmente por meio da educação e da intelectualidade. Esse livro apresenta Castellano como uma personalidade curitibana da década de 1920, que, sob pseudônimo de Flor d'alisa³, defendia os interesses das mulheres junto ao feminismo sufragista crescente. Mas, ao pesquisar sobre sua vida, percebemos que era uma intelectual participante e ativa, que se sobressaiu em vários centros intelectuais, sendo eles: Clube Soroptimista, Centro de Letras, Centro Feminino Paranaense de Cultura, Círculo de Estudos S. Agostinho,

Arregimentação Cívico Eleitoral Feminino (ARCEF), Associação de Proteção à Jovem, Academia José de Alencar, Centro Cultural Euclides da Cunha (Ponta Grossa - PR).

Junto à presença e influência desses centros intelectuais frequentados por Castellano em Curitiba, a partir de fins do século XIX, havia os grupos que propagavam interesses locais e teorias universais, como o jacobinismo, que julgava a mulher profissional uma ridicularização da coisa pública⁴, e o simbolismo. Essas correntes eram acessíveis a homens e mulheres de várias categorias sociais, as quais eram compostas por intelectuais, jornalistas, professores e professoras que ligados ao ensino ou às reivindicações das mulheres passaram a difundir novos ideais quanto à reorganização educacional e social que julgavam necessários e igualitários para elas, mesmo que não aceitassem, ainda, como defende a própria Castellano⁵, o direito de sufrágio das mulheres.

Ainda quanto ao contexto da primeira República, o pensamento positivista era um dos mais notórios em Curitiba. Fundado por Augusto Comte, via na mulher e na possibilidade de uma boa educação quanto aos seus filhos, um futuro com ordem e progresso para o país. Dessa forma, o sexo feminino era visto como nobre, ao mesmo tempo que submisso ao masculino e, ainda, altruísta, pelo qual se anulava para que o homem se elevasse na sociabilidade. O positivismo chegou ao Paraná por meio de trabalhos acadêmicos, clubes e livros e alastrou-se lentamente em Curitiba, tendo como própria associação o “Centro de Propaganda do Positivismo no Paraná”⁷. Ressaltamos essa corrente por ela permitir a intelectualidade às mulheres paranaenses e, mais especificamente, porque seus dirigentes eram constantemente homenageados por Castellano na década de 30.

Os acontecimentos, as correntes ideológicas permitiram modificações no fim do século XIX e meados do XX, isso devido, também, à chegada da mulher ao ensino superior, conquista de voto e atuação na vida profissional. No tocante à Curitiba de Castellano, havia uma pluralidade de papéis femininos, em geral, de acordo

com a sua classe social. As principais ocupações das mulheres eram em confeitarias, livrarias, lojas, salões, bares, indústrias, trabalhos de rua e escritórios. Algumas já possuíam diploma na área de Direito, Medicina, Ensino. Ao mesmo tempo, havia uma escola denominada de “Escola da Felicidade”, um curso fornecido para futuras esposas e mães. Essa mesma escola propagou reportagens⁷sobre o aumento no número de divórcios, devido à falta de preparo das donas de casa⁸.

São inúmeros os discursos culturais ou acerca das mulheres nesse contexto. Com a finalidade de compreendê-los para entender os papéis ideais destinados às mulheres, por meio dos escritos de Castellano, temos pesquisado em jornais, revistas, bibliografias, todavia, deve-se salientar que não estou esperando com estas fontes fornecer uma história completa da vida e obra de Castellano. Estou considerando que as configurações de cada época estão registradas e representadas através de símbolos, então, esse trabalho intenta uma abordagem a partir dos sinais deixados por tal escritora, e, especialmente, de um romance publicado pela autora em 1937, chamado *Marysa*, sobre o qual discutiremos logo em seguida.

A pesquisa histórica sobre uma mulher que esteve envolvida com a literatura tornou-se legítima apenas recentemente. Este tipo de abordagem não era reconhecido no campo da historiografia, antes dos anos 70. Foi a partir desta época que o campo historiográfico aumentou o leque de fontes e abordagens que deram mais ênfase às discussões quanto à história social, à presença das mulheres na História e, posteriormente, as relações de gênero⁹. Percebemos esses dois últimos aspectos dentro de uma preocupação para com a escrita da “História das Mulheres”, que, durante o percurso historiográfico, nem sempre foi lembrada diante de uma predominância do sujeito universal masculinizado, característica da história dita positivista. Outra preocupação, o Gênero - como categoria de análise - passou a fazer parte dos estudos históricos, principalmente na década de 1990, analisado, segundo Scott e defendido por Butler¹⁰, como reflexo de significados variáveis da diferença sexual que se

estabelecem através de construções dos comportamentos corporais, influências e relações culturais no interior das relações de poder, e não de acordo com as diferenças físicas.

Todas as ressalvas citadas anteriormente são, sobretudo, tributárias das lutas feministas existentes desde o fim do século XIX, perpassando todo o século XX, nos quais as mulheres reivindicaram direitos políticos, sociais e econômicos. Movimentos esses que ganharam força após a Segunda Guerra Mundial, na “segunda onda” feminista, já que a entrada de um contingente feminino ao mercado de trabalho permitiu a visualização das diferenças salariais que refletiam muitas outras sofridas por elas. Esses movimentos ainda influenciaram historiadoras feministas quanto ao questionamento das fontes, que, segundo elas, eram escassas quanto à presença das mulheres na história, pois estas nem sempre puderam praticar as atividades “dignas”, ou mesmo, ter uma alfabetização¹¹. Dessa forma, fontes como autobiografias, diários e cartas permitiram novas análises sobre mulheres, tanto no privado quanto no público, que até então estavam obscuras, pois a elas era destinado o mundo privado.

Verificamos que, dentro ou fora de casa, as mulheres poderiam compor sua própria memória. Da mesma forma, podemos ver em Castellano, uma ferramenta para observar as experiências históricas sociais, nesse caso específico, do seu mundo público, como afirma Espada¹²: “[...] reconstruir a positividade da experiência feminina no passado fazia parte do mesmo horizonte político e historiográfico que a recuperação das experiências das classes subalternas”.

Os discursos aos quais estas mulheres estavam sujeitas nem sempre permitiram que seus sonhos fossem conquistados ou mesmo explicitados. Mesmo assim, segundo Perrot, nem sempre foram vítimas, e um dos meios pelo qual conseguiram se expressar foi através da literatura, mesmo que esse meio de expressão também tenha sido manipulado e dominado por homens que tinham a preferência como autores, ou, no caso das personagens, de morte no final trágico de suas vidas literárias. No entanto, a partir do fim do século XIX, algumas escritoras já são reconhecidas por

seus escritos, como Nísia Floresta¹³, Bertha Lutz¹⁴, Maria Lacerda de Moura¹⁵ todas preocupadas com a educação, o sufrágio e o condicionamento social das mulheres.

Pesquisamos a literatura de Castellano como meio de propagar ideais, pois, assim como para Pollak¹⁶ que via em fontes diversas a maneira de se encontrar o “subterrâneo” da memória que combatia àquela do sujeito universal, a memória de Castellano é, também, uma luta estratégica em que, ao seu modo, inseriu e construiu para as gerações posteriores os discursos que defendia. Dessa forma, intentamos em Castellano, problematizar os papéis femininos através dos elogios que foram feitos às pessoas amigas, seja após a morte, seja numa outra homenagem qualquer.

Atrás das cortinas literárias...

Assim, os escritos¹⁷ de Castellano são analisados como representações que portam o simbólico, construídos social e historicamente. As representações, por mostrarem-se como verossimilhanças com os fatos pesquisados, acabam por tornar o real um campo de forças e disputas, através do qual os discursos mais fortes se impõem como algo naturalmente construído. Deste modo, as representações apresentam múltiplas configurações, contraditórias e variadas, pelos diferentes grupos que comandam o social.

Castellano estava em constante interação numa história social com diversos grupos, como durante os 20 anos que compôs o conselho editorial da revista *Correio dos Ferroviários*, cujas colunas chamadas “Página Feminina” e “Infantil” foram escritas diretamente sob sua direção por 8 anos, revista essa que chegava às mãos de ferroviários, engenheiros e as mulheres que, de alguma forma, estavam ligadas a esse trabalho. Lembramos, também, alguns ensaios escritos por ela, como um de 1953, o qual era uma homenagem ao 7º Centenário da morte de Santa Clara de Assis, no qual afirma algumas características sobre a mulher: “[...] vivamos simples e sem baixeza, altivas e sem soberba, meigas e firmes, amigas do nosso lar

e de nossa igreja”¹⁸. Ainda, a Mariana Coelho¹⁹, sua colega no Centro de Letras, também foi homenageada por ela da seguinte forma: “[...]defensora dos mais puros ideais femininos”; e, em relação à sua obra: *Emancipação do sexo feminino* (1933): “[...] completa, rica, empolgante, é documentária, é um tesouro de ideais e de ensino”²⁰.

Diante dos diferentes significados que podemos ter nas linhas literárias de Castellano, ao tê-las como fontes, relacionamos com o contexto, tempo e espaço na busca de sinais e possíveis relações, para fazer uma análise comparativa da ficção e do real. Dessa forma, vemos o texto literário de Marysa como uma maneira de compreender as sensibilidades que outros documentos podem não proporcionar.

No livro *As Palavras e as coisas*²¹, mesmo não sendo o enfoque central da obra, Foucault descreve como algumas mulheres escritoras haviam começado movimentos feministas através da literatura. Castellano estava atenta aos discursos feministas, como descreveu no seguinte trecho de um artigo em resposta a uma crítica da má influência dos atos feministas europeus em Curitiba:

[...] Isto de V. S. achar palhaçada; fazer rir aos equilibrados os atos das mulheres; de se publicar nomes de inglesas, de se fazer reuniões que até um surdo de nascença ouviria o barulho, é... Perdoe-me o termo, rematada estultice... Em Washington as mulheres, amparadas nos direitos públicos, demitiram o prefeito de Leatle, por tolerar abertas as casas de tavolagem e de má fama. Em França formaram três instituições; as enfermeiras visitantes, as super intendentas das usinas.

Ainda, no mesmo artigo, defende a literatura como meio de propagar sua voz, enfatizando a emancipação pela intelectualidade, assim como, alegando que as mulheres não devem viver na nulidade, nem para agradar aos homens²²:

Sim a mulher, num esforço grandioso e belo, procura a sua emancipação intelectual e pecuniária, ahi vem a grita dos rubros antifeministas, a chamá-la de ousada Porque? Dizem duas palavras, escrevem e... Se sustentam, eis o grande crime! De

qualquer forma, não seremos jamais isentos de chistes e zombarias. Permanecendo em disponibilidade, ah! Que ironia de sorte [sic] somos as bonequinhas de salão, as senhoras nulidade, feitas somente para causar gracinhas no espírito de doutor... Almofadinhas...

Uma personagem em Marysa?

Através das obras de Castellano podemos observar muitas das condutas sociais femininas e masculinas, registradas pela autora, no cotidiano curitibano²³, durante sua vida intelectual e profissional. Em uma análise de sua diversidade literária²⁴, percebemos que Castellano demonstrava o quanto apreciava a literatura como forma de exaltação das vozes femininas, e ainda, podemos dizer que ela escreve em primeira pessoa²⁵, pois não se pode separar o narrador do autor, há um pouco deste naquele, sempre. Dessa forma, passaremos a analisar uma novela romântica, isto é, um romance.

Como uma edição de comemoração do Centro de Letras, em Curitiba, cuja fundação teve a participação da autora estudada (única mulher a compor o rol de membros), o livro *Marysa* foi publicado no ano de 1937, porém, ambientado em 1927. A personagem é vista como detentora de ideias diferentes e comportamentos distintos e faz deles sua opinião. Sem dúvida, é uma personagem que ousa transgredir as regras impostas por sua sociedade e, por isso, acaba infeliz na solidão (este termo é entendido aqui como não “apta” para casar). As imagens, ou mesmo, estereótipos criados sobre a mulher naquela sociedade, podem ser verificados através desse livro.

Castellano descreve *Marysa* da Nóbrega, sua personagem, como uma torrente impetuosa que procurava apoio para seus projetos luminosos, órfã, criada em internato, com um espírito alegre e uma vasta riqueza em cultura literária. Uma mulher apontada pelos amigos como extravagante em leituras, lia, por exemplo, Oscar Wilde e, por isso, detentora do apelido “Senhorita Sensibilidade Wilde” – “a pessoa sensível por causa dos calos pisa a todo instante nos pés dos outros”²⁶ – referência ao fato de *Marysa* não concordar com

algumas tradições de sua sociedade e sentir-se diferente. Suas amigas, segundo Marysa, a viam como a mulher que analisava as pessoas em volta, também detentora de comentários e interesses diferentes das outras mulheres. Ao analisar essa parte da obra é possível comparar a opinião de Marysa às suas amigas, com uma fala semelhante da própria Castellano publicada nos artigos de 1924, já mencionados, quanto à crítica antifeminista que ela, por dois meses, combateu através de artigos rebatidos na Gazeta²⁷:

[...] Por toda a parte fazem apelo às mulheres, às moças de classes abastadas, às quase muitas vezes sofrem pela vida inútil. É lhes mostrada, além dos limites da família, a humanidade que espera um novo impulso para continuar a marchar com coragem para a frente.

Castellano não condenava a vida das donas de casa ou das mães, mas alegava que havia muito mais para a mulher conquistar profissional e intelectualmente. Com esse mesmo pensamento Marysa preferia estar só e envolta de suas ideias, ao invés de estar junto a suas amigas discutindo o cotidiano “fútil” de vestidos, chapéus, fofocas e mentiras.

Durante o enredo, em nenhum momento Castellano caracteriza Marysa como uma dona de casa, pelo contrário, dá ênfase às suas saídas para galerias e Tennis Clube. Seu espaço definitivamente não era o doméstico, e, sim, o público. Castellano descreve detalhadamente, também, uma Curitiba cosmopolita, com casas de chá e de moda, onde, nos bares e cafés da Rua 15 de novembro, assim como nas galerias de arte e reuniões sociais, eram comuns as discussões acerca das novidades literárias, as exposições artísticas boas e ruins, e, ainda, os acontecimentos de outras capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro, Paris, demonstrando, através da ficção, um grande conhecimento nessa área, naquele contexto.

O tema mais trabalhado pela autora é o fato de Marysa ter interesse de se apaixonar por alguém, como viver um “conto de fadas”, porém, para a personagem isso se daria de acordo com a

sua vontade e não por escolha de outro ou determinações sociais²⁸: “...Marysa julgava que a mulher, esperando humilde o desconhecido companheiro para o resto de sua vida, abafava a espontaneidade dos próprios sentimentos, porque aceitava uma situação só agradável aos interesses sociais”.

Ainda afirma que não se poderia dizer a um homem tudo o que pensa, para não ser dominada. Portanto, se a mulher fizesse de acordo com as suas próprias normas, não perderia sua liberdade de escolha e não teria um casamento “de mentira”. Percebe-se nesse trecho uma independência almejada por Marysa, em viver sua vida, suas paixões, sem se importar com o que a sociedade falaria.

Logo no início, Marysa passa a flertar com um rapaz. Descobre o nome daquele, disfarçadamente, e passa a lhe mandar flores e manter diálogos por telefone anonimamente. Apenas liga quando tem vontade, ao mesmo tempo afirmando não ser como as outras mulheres por pensar diante de todos os seus atos e, por isso, ela mesma, compara-se a um pássaro preso às normas da sociedade. Meses se passam e Marysa acaba mandando-lhe um bilhete em que indicava com que trajes estaria numa peça teatral no Guairá, porém, ele, ao acaso, nota apenas sua antiga paixão, sua prima Ione, cujas roupas conferiam com a descrição de Marysa.

Encontram-se meses depois no Rio de Janeiro onde são apresentados por Ione. Nesse momento, é descrita por Castellano como atuante nas discussões, inclusive acerca das apostas adequadas no hipódromo, junto aos homens. Num jardim, durante um jantar, Ione, Marysa e Rafael vagueiam pelos jardins, quando nossa personagem extravagante observou uma borboleta inquieta, que parecia almejar a liberdade, linda para não ser apanhada, mas Marysa admite gostar dos desafios, pois tem, no fundo, um espírito varonil. Vai à busca de seu objetivo, enquanto Ione e Rafael confessavam o amor um pelo outro e Marysa, entre as flores, acaba por escutar. Enquanto isso, Castellano descreve que em suas mãos estava presa ainda a borboleta, que apenas merecia a liberdade que sempre tivera. Ao

mesmo tempo, essa borboleta balbucia com medo de ir para a liberdade depois de minutos presa, porém, vai ao vento, assim como Marysa, apesar da desilusão vê na liberdade daquele inseto, o que lhe instiga a alma, “ser livre”.

Essa liberdade sentida pela personagem é o seu principal objetivo desde o começo, mesmo que alguns de seus sonhos não tenham sido possíveis, ela permanece com as mesmas opiniões que sempre defendera, mesmo estando contra os preceitos da sociedade em que convive. No romance, ainda, apesar de ver a personagem como o principal destaque, o contexto é bastante notório, pois é possível analisar personagens que vivem diversos fatos que Curitiba presenciou no primeiro quarto do século XX, durante todo o enredo, como as declamações dos poemas de Emiliano Pernetta (amigo de Castellano), as leituras como Oscar Wilde, o Passeio Público (ponto de encontros sociais na época), ou mesmo as galerias.

Detalhes tão minuciosos e reais fazem-nos pensar Marysa, não como cópia do real, mas uma criação literária a partir da realidade de Castellano. Há um enredo, espaço e tempo curitibanos, através dos quais analisamos a verosimilhança como representacional e perfeitamente visível nesses aspectos que sugerem credibilidade e não veracidade de fatos. Ainda, só é possível ver Marysa, enquanto personagem, através dos olhos da autora, ou seja, o que ela queria mostrar em matéria de comportamentos daquela mulher curitibana. Então, no que tange a características comportamentais condenadas por Marysa, podemos comparar opiniões semelhantes ao que Castellano em 1924 já havia dito, nos artigos já citados, e que semelhantes reencontramos na fala de Ione, cujas ideias eram condenadas por sua amiga Marysa²⁹:

[...] ser fiel, permanecer fiel, é abdicarmos de nós mesmas, é sentir esta fidelidade em nossas ações, desejos, pensamentos e até em o nosso silêncio. Com a fidelidade obtemos um destino feliz aqui na terra para as ansiedades da alma. E a fidelidade não morrerá nunca, enquanto existir um coração leal e uma amizade imortal e profunda.

Esse fragmento demonstra como esta mulher se anulava em relação ao marido, o que era condenado por Marysa, e também, por Castellano, que acreditava na emancipação intelectual, financeira e social das mulheres. Estes são alguns indícios e que, sabemos, não formam um todo, são apenas poucos conhecimentos sobre uma personagem, que podem ser acentuados com noções de subconsciência e introspecção alheia.

Subentendemos, então, mesmo nos momentos em que Marysa transparece medo em propagar suas ideias diferentes, que Castellano a descreve como convicta de seus pensamentos, como no momento em que defende a ideia de conquistar um homem ao seu modo, não ao da sociedade³⁰: “[...] provocarei uma linda aventura de amor para dizer a esse alguém de minha alma povoada de sonhos... Sacrificarei as opiniões errôneas para atingir essa finalidade compensadora...”.

Verificamos, então, que mantinha sonhos quanto a um romance, entretanto, acreditava na sua forma de alcançar esse objetivo. Marysa está em um meio cujas normas sociais condena, e ao mesmo tempo, Castellano mostra em Marysa uma preocupação em afirmar para ela mesma e para quem estava em volta os seus diferentes ideais. Portanto, é uma personagem com características femininas complexas e contraditórias, que a autora conseguiu harmoniosamente fluir numa só “pessoa” e em seu contexto, ou seja, o livro uma tradução de subjetividades que o dia-a-dia de uma sociedade real pode não perceber.

Não é possível saber se Marysa representa alguém do mundo real de Castellano, pois é uma criação literária, mesmo que a partir de dados reais, ou/e de virtualidades imaginadas. No entanto, segundo Candido³¹, quando o autor descreve uma personagem, através dessa pode passar sua própria sensibilidade acerca do mundo em que está, isto é, o romance é composto pelo temperamento do escritor. Percebemos nos escritos um trabalho criador, em que a memória, a observação e a imaginação atuam junto a uma imensa capacidade intelectual de Castellano de retratar biografias e homenagens para quem a cercava. Marysa pode ser uma personagem a

partir de sujeitos reais, já que esse era um costume da autora. Mas nossa intenção não é afirmar o romance como realidade, ou mesmo comparar, é sim, mostrar como está estruturado, pois, de alguma forma, suas bases foram “desenhadas” com alguma intenção.

Observar a vida da personagem é verificar os acontecimentos, as pessoas que a rodeiam, nos espaços e limites em busca de indícios da trama histórica envolvida. É preciso perceber que o enredo e a personagem são composições verbais, de palavras e de imagens que fazem parte da realidade do autor. Vemos, também, no autor o poder da manipulação, ou seja, de acordo com Chartier³², o leitor faz suas próprias apropriações nas leituras, mas recebe textos escritos de acordo com ideias já prontas e intencionadas do autor. Dessa forma, levamos em conta os detalhes por acreditarmos na representação deles, junto a personagem (a beleza, delicadeza e a liberdade necessária para a borboleta, os livros, a literatura indicada como ideal por Marysa).

Detalhes e aspectos fazem, então, de Marysa o romance ideal para Castellano? Não há como dar uma resposta absoluta a isso, apenas verificar as semelhanças e diferenças. Ambas eram intelectuais, porém, Castellano tinha uma ampla participação na sociedade e era considerada uma mulher notável, segundo Helena Kolody³³ “[...] graças aos esforços de Leonor Castellano” em reunir toda a produção intelectual das mulheres paranaenses, desde a década de 20. Em seus discursos afirmava que a literatura era a melhor “arma” para a emancipação intelectual para a mulher no seu contexto.

Personagens literárias, ou não, essas vozes demonstram a multiplicidade dos diversos espaços e estereótipos femininos que cercavam Castellano. Rer ler essas obras é desconstruir a autora enquanto personagem, narradora no seu mundo social curitibano de 1920 a 1960, não como uma cronologia, mas com a necessidade de ver a participação, no complexo social, dessa escritora dentro das normas regularizadoras, àquelas presentes nos discursos do seu cotidiano. Diante dos escritos analisados percebemos que Castellano propagou ideais complexos e diferentes durante sua vida literária, isto é, uma pluralidade quanto aos papéis femininos, o que seria

uma característica da condição humana, a denominada identidade plural, que só é possível de análise se Castellano for vista como indivíduo que está em constante debate com o mundo que a cerca.

Trata-se de um minucioso trabalho de pesquisa de indícios que compõe temporalidades múltiplas contínuas, ou não, para constituir a história social, condenando, ao mesmo tempo, uma história global. Ao buscarmos essas peculiaridades dos espaços de Castellano, estamos, ainda, evitando a destruição da memória de uma escritora que deu prioridade à História das Mulheres Paranaenses, mas que, até o momento, ainda não havia sido devidamente analisada.

Notas

* Mestranda em História Cultural do programa de pós-graduação em História da UFSC.

¹ O termo mulheres, escrito diversas vezes neste trabalho, está dentro de uma perspectiva de que nem todas possuem as mesmas reivindicações feministas, nem foram subordinadas ou sofreram o mesmo grau de subordinação, porém, mesmo diante das diferenças entre elas, há desigualdades e relações de poder entre os sexos. Ver: PEDRO, Joana M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. Revista História, São Paulo: Editora UNESP, 2005, vol. 24 (1), p.1-18.

² TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

³ Como é lembrada também Leonor Castellano, além de professora e feminista. Ver SCHUMAHER, Schuma (org.) Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrad. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

⁴ CARVALHO, José M. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

⁵ CASTELLANO, Leonor. Vagina literária. Curitiba: Jornal Gazeta do Povo, Museu Paranaense, 1924, mês 1 e 2.

⁶ Criado por João Pernetta em sua própria residência, em 1923.

⁷ Prepara futuras esposas a “Escola da Felicidade”. O Estado do Paraná, 15 nov, 1952.

⁸ ARCHANJO, Léa Resende. Ser mulher na década de 50 representações sociais veiculadas em jornais In: TRINDADE, Etelvina M. de Castro; MARTINS, Ana Paula Vosne. Op. Cit.1997, p.162-167.

⁹ SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, n. 54, v.27, 2007, p.282-300.

¹⁰ BUTLER, Judith. Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.25.

¹¹ PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

¹² ESPADA, Henrique L. A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p.141-389.

¹³ Considerada a primeira feminista brasileira. Foi educadora, traduziu, em 1833, o livro “Reivindicação dos direitos da mulher”, de Mary Wollstonecraft, que inspirou muitas feministas.

- ¹⁴ Bertha Lutz (1894-1976) fundou “Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher”.
- ¹⁵ Ver LEITE, Miriam Moreira. Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.
- ¹⁶ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Edições Vértice, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 03-15.
- ¹⁷ Entendemos por esse termo os ensaios biográficos, colunas, artigos e o romance Marysa. São encontrados no Centro de Letras, Centro Paranaense Feminino de Cultura, Arquivo Gazeta do Povo (Museu Paranaense) e Círculo de Estudos Bandeirantes, em Curitiba.
- ¹⁸ CASTELLANO, Leonor. Mensagem de Santa Clara de Assis às mulheres. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1953, p.26.
- ¹⁹ Mariana Coelho era feminista portuguesa radicada em Curitiba. Deixou contos, ensaios de história literária e sobre o feminismo, tradução. Ver: SOUTO-MAIOR, Valéria A. O florete e a máscara. Florianópolis: Editora Mulheres, 2001.
- ²⁰ CASTELLANO, Leonor. Mariana Coelho. Revista do Centro de Letras, n. 13, 1º Trimestre de 1955, p. 93.
- ²¹ FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- ²² Idem.
- ²³ LORIGA, Sabrina. A biografia como problema In: REVEL, Jacques (Org.). Jogos de Escalas. A Experiência da Microanálise. Rio de Janeiro: FGV Ed., p226.
- ²⁴ Literatura é entendida enquanto qualquer obra fixada por letras. Ver: ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem In: CANDIDO, Antonio. Op. Cit. 2005, p.9-49.
- ²⁵ NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.) Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina. Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- ²⁶ CASTELLANO, Leonor. Marysa. Curitiba: Centro de Letras, 1937, p. 9.
- ²⁷ CASTELLANO. Op. Cit. 1924, mês 1.
- ²⁸ CASTELLANO. Op. Cit., 1937, p.16.
- ²⁹ CASTELANNO. Op. Cit., 1937, p. 148.
- ³⁰ CASTELANNO. Op. Cit. 1937, p. 15.
- ³¹ CANDIDO. Op. Cit. p.55-79.
- ³² CHARTIER. Op. Cit.1897, p.121.
- ³³ Poetisa paranaense contemporânea a Castellano. Ver: KOLODY, Helena. Disponível em: <http://www.millarch.org/artigo/helena-kolody- sempre-com-emocao-da-poesia> acesso em 29.06.2009.

Abstract

This article is part of a dissertation research which addresses women’s history through the writings by Leonor Castellano, who lived in Curitiba in the twentieth century asserting a place in history for the intellectuals, especially through literature. We analyzed the roles feminine ideals set forth in her writings, and, based on the biography of this author, "re" discover acts of social context studied.

Keywords: Biography. Literature. Women’s history.